



IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

DARA BEATRIZ DA SILVA COSTA

RESUMO

Objetivo: Discutir a importância do uso da ludoterapia na hospitalização e no tratamento oncológico infantil e identificar os benefícios da realização da atividade lúdica para as crianças com câncer. **Métodos:** Trata-se de um relato de experiência sobre quatro visitas a uma rede de combate ao câncer infantil com crianças que frequentavam o hospital para tratamento oncológico. Os encontros foram direcionados para a utilização de atividades lúdicas no entendimento do processo doença/tratamento. **Resultados:** A metodologia das duas primeiras visitas foi baseada em rodas de conversa interativas e terapia das cores, na terceira e quarta visita foi utilizado a cinema terapia, assim aumentando gradativamente a interação entre os acadêmicos de enfermagem e as crianças, permitindo a criação de um ambiente de confiança e liberdade para ambos. A aplicação das atividades lúdicas trouxe um momento de reflexão ao constatarmos que até a mais deprimida das crianças, mostrou-se feliz e participou das atividades que envolveu o brincar e a recuperação da infância. As experiências ocorridas no contexto do brincar em relações profissionais propiciaram discussões e reflexões entre os acadêmicos, bem como o uso das atividades lúdicas aumentaram o interesse e a participação das crianças pelo tema abordado. **Conclusão:** As experiências e reflexões obtidas, proporcionam uma ponderação a respeito das visitas, chegando-se à conclusão, de que as atividades lúdicas são de extrema importância no processo de aceitação da doença, como no processo doença-tratamento, assumindo papel importante nas práticas de assistência humanizada de enfermagem.

Palavras-chave: ludoterapia; neoplasias infanto-juvenil; tratamento.

1 INTRODUÇÃO

As neoplasias infanto-juvenis representam um conjunto heterogêneo de doenças caracterizadas pela proliferação descontrolada de células anormais, com potencial para afetar qualquer parte do organismo. Diferentemente dos tumores em adultos, que frequentemente estão relacionados a fatores ambientais e estilo de vida, os tumores infantis tendem a se originar de células embrionárias, exibindo um período de latência mais curto e um crescimento geralmente mais rápido. Os tumores pediátricos podem ser classificados em grandes grupos, incluindo: Tumores hematológicos: Leucemias e linfomas, que afetam as células do sangue e do sistema linfático. Tumores do sistema nervoso central: Tumores cerebrais e da medula espinhal, que representam uma parcela significativa dos casos. Tumores sólidos: Que incluem neuroblastomas, tumores de Wilms (nefroblastomas), sarcomas e outros (Brasil, 2023).

A hospitalização pediátrica representa um desafio único, exigindo uma abordagem que considere as particularidades do desenvolvimento infantil. A separação do ambiente familiar, escolar e social, aliada a procedimentos médicos invasivos e dolorosos, pode transformar a experiência hospitalar em um evento traumático para a criança. Diferentes sentimentos e comportamentos podem aflorar nesse período, como sensação de passividade, nervosismo, choro, angústias e medos (Fundação Oswaldo Cruz, 2020).

A hospitalização pediátrica, quando não manejada adequadamente, pode acarretar

impactos significativos no desenvolvimento da criança, com repercussões que se estendem para a vida adulta. A separação do ambiente familiar, a exposição a procedimentos invasivos e dolorosos, e a ruptura da rotina podem gerar experiências traumáticas, desencadeando sentimentos e comportamentos negativos (Sossela; Sager, 2017). A hospitalização de crianças, especialmente com câncer, precisa de mais do que apenas tratamento médico. A vida das crianças muda muito por causa da doença e do hospital. É importante usar estratégias que ajudem a enfrentar os aspectos negativos e reduzam o impacto da internação. A assistência humanizada, com atividades lúdicas, é essencial para o bem-estar da criança. Pesquisas recentes mostram que é importante considerar o desenvolvimento infantil e o efeito da hospitalização na saúde mental, destacando a necessidade de estratégias para promover o bem-estar emocional (Bastos; Oliveira, 2023).

A utilização do brincar na prática da enfermagem pediátrica constitui uma estratégia terapêutica de comprovada eficácia, com múltiplos benefícios para a criança hospitalizada. Estudos demonstram que o brincar facilita a comunicação e o estabelecimento de uma relação de confiança entre enfermeiro e paciente, auxilia na preparação para procedimentos médicos, promove a expressão de emoções e reduz o estresse, contribuindo para a adaptação da criança ao ambiente hospitalar (Claus *et al*, 2021).

A brincadeira é um recurso valioso para a enfermagem, pois através dela que as crianças expõem seus sentimentos e ideais, ajudando a compreender as situações e procedimentos realizados. A partir dessa perspectiva, este estudo traz como objetivo geral discutir a importância do uso da ludoterapia na hospitalização e no tratamento oncológico infantil, e identificar os benefícios da realização da atividade lúdica para a criança com câncer.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

O presente estudo é resultado do desenvolvimento de um projeto de prática de Extensão Universitária II, realizada no contexto de descrever a importância do brincar para as crianças. O Projeto FELICIDADE QUE CURA é destinado a esclarecer a importância de garantir um ambiente infantil e livre de fatores de estresse a crianças em tratamento oncológico.

Participaram do estudo sete acadêmicos de enfermagem, e foram realizadas quatro visitas com crianças que frequentavam a ala de combate ao câncer. Os encontros foram direcionados para discussão de temas relacionados à importância do brincar no tratamento oncológico; aceitação do processo doença-tratamento por meio do brincar.

No módulo saúde, há aproximação das crianças e estudantes do curso de graduação em enfermagem. Nesse contexto, a integração ensino-serviço apresenta-se como eixo que contribui com a formação dos acadêmicos no sentido de despertar interesse na aquisição de novos conhecimentos e habilidades necessários à prática do enfermeiro.

A metodologia utilizada na abordagem as crianças, no módulo de saúde, deram-se por meio da utilização da técnica de cinematerapia, além disso foram feitas rodas interativas de conversa, nas quais eram realizadas brincadeiras, em que se perdia para eles se apresentarem, logo em seguida aplicando-se a arteterapia.

Inicialmente ocorreu o primeiro encontro com as enfermeiras responsáveis pela brinquedoteca da ala oncológica, que teve como objetivo o levantamento de informações a respeito das crianças e de seus interesses, diante de tais informações, elaborou-se o cronograma. O conteúdo a ser abordado em cada roda de conversa, o número de encontros e as técnicas grupais a serem utilizadas, nas práticas interativas em que ocorrerem as rodas de conversa, esteve presente o diálogo horizontal, que tem como finalidade estabelecer uma confiança entre as crianças e os acadêmicos, propiciar atitudes reflexivas diante das situações-limite que

atravessam o cotidiano das crianças.

Durante o decorrer das atividades, notou-se o aumento do interesse das crianças em participa das brincadeiras, e em manter elos com os outros pacientes, até a mais apática das crianças, se mostrava alegre em participa das atividades em grupos em que o brincar era usado como objeto de expressão do imaginário.

Durante a cinematerapia podemos constatar como momento de recuperação da infância e necessária dentro do ambiente hospitalar, visto que as crianças demostraram imensa alegria e receptividade em assistir ao filme infantil proposto, mesmo as que acabava de volta do tratamento quimioterápico, sorriam e obvia demonstração de alegria.

Os encontros foram direcionados descrever a importância do brincar, como auxílio na aceitação da: doença, tratamento, e na internação hospitalar e as consequências que ela traz. Estiveram presentes em cada roda de conversa, em média, 15 crianças e sete acadêmicos de enfermagem. Os encontros foram realizados duas vezes na semana, com duração de quatro horas.

As reuniões eram estruturadas de forma a iniciar pelo acolhimento, seguido pelo cinematerapia, onde foi exibido o filme “ Divertidamente”, após a conclusão do filme foi proposto em que as crianças fizessem desenhos que representasse a si mesmo e os sentimentos que estivesse sentido, assim como como suas percepções acerca do filme passado, havia troca de experiências entre os acadêmicos e as crianças, sendo finalizado pelas rodas de conversas interativas e atividades grupais com distribuição de brindes.

Durante a troca de experiências, as crianças falavam sobre sua rotina no hospital e atividades diárias, que eram confrontados com as dificuldades do tratamento e das mudanças corporais ocasionados pela doença e sua imaturidade para compreende os acontecimentos de seu adoecimento.

No último encontro, acadêmicos puderam avaliar os resultados das reflexões proporcionadas pelas rodas de conversa. Foram utilizadas perguntas norteadoras que estimulavam as crianças a compartilhar seus pensamentos e ideias sobre o impacto causado pela doença e o afastamento de sua rotina infantil.

Os acadêmicos de enfermagem, diante desses relatos, puderam refletir junto com a pesquisadora responsável sobre o planejamento e conteúdos abordados nas rodas de conversa. Após os encontros, eram realizadas anotações em diário de campo, com as reflexões e conclusões a respeito das visitas.

Portanto, a experiência relatada foi executada em cinco fases: 1. Levantamento de informações a respeito da brinquedoteca, rotina e limitações das crianças; 2. Preparo dos acadêmicos para coordenar as rodas de conversa e elaborar as atividades em grupos; 3. Realização das rodas de conversa e a arteterapia; 4. Avaliação das rodas de conversa entre os acadêmicos; 5. Avaliação da experiência pelos acadêmicos de enfermagem. Devido ao fato de este estudo se constituir em um relato de experiência, não foi submetido à avaliação de Comitê de Ética. Entretanto, durante seu desenvolvimento, foram considerados os preceitos éticos presentes na Resolução 466/12.

3 DISCUSSÃO

Descrevendo a experiência

Participara da intervenção 15 crianças, com idades entre 03 e 10 anos, que estavam recebendo tratamento oncológicos, os encontros se deram por meio de visita a ala de combate ao câncer. Onde foi realizada a cinematerapia, com a reprodução da animação “divertidamente” que retrata as emoções de uma criança em conflito e a buscar pela do brincar e do ser criança, após o filme foi realizada rodas de conversa e a aplicação de arteterapia, onde foi pedido que eu fizesse desenhos que representasse suas emoções acerca

do filme, de suas emoções e lembranças e os colorisse de acordo com seus sentimentos e que estava relacionada ao cotidiano das crianças e ao tema em discussão.

A seguir os acadêmicos de enfermagem iniciavam a discussão com as crianças, tendo como fio condutor o significado de cada desenho e a forma como elas os coloriram. Conduziram as rodas de conversa os setes acadêmicos de enfermagem, que se revezavam de forma que estivesse acesso aos três grupos de crianças. No primeiro encontro, todas as caldeiras da ala infantil foram enfileiradas, formado três filas com cinco caldeiras, de frente a parede na qual seria reproduzido o filme. Em seguida cada criança escolheu um desenho e pintou de forma livre e expressiva, conforme foi perdido pelos acadêmicos, cada criança pode se apresentar dizendo o que gostavam de fazer e sua brincadeira favorita, e de sua experiência com o tratamento.

Foi estimulada a interação entre as crianças, sendo que cada um poderia sugerir uma brincadeira ou um livro para a leitura da atividade em grupo. Esse momento foi importante para o estabelecimento da confiança, para que pudessemos manter uma conversa em que houvesse a estruturação das rodas de conversa interativas, e uma maior aproximação entre os acadêmicos e as crianças. Inicialmente, vimos que as crianças se mostraram tímidas, abatidas e retraídas, pouco participativas, colaboraram de forma regrada, através da arteterapia e de rodas de conversas, elas começaram a contribuir no desenvolvimento das atividades, através de sugestões de leitura de livros e brincadeiras. No decorrer das atividades elas responderem nossos questionamentos sobre como se sentia a respeito de sua condição médica.

Os estudos demonstraram que o câncer e o seu tratamento, limitam a interação social da criança em dois diferentes contextos que são fundamentais para o seu desenvolvimento, o familiar e o escolar. Nesse contexto, alguns autores como (Silva; Cabral, 2015) ratifica que devido a internação e tratamento o ambiente familiar e alterando e suas relações afetivas são abaladas, além de que há o afastamento escolar, e assim as crianças perderam o convívio e a possibilidade de interação social com seus colegas.

Um dos fatores que contribuíram para tamanho interesse em participar das crianças durante as atividades foi uso do brincar, de forma que propiciou a criação de um ambiente neutro, em que elas pudessem viver o processo ser criança e troca e compartilhamento de emoções típicas dessas fases. Durante as rodas de conversa, as crianças traziam conteúdos de seu cotidiano, como suas brincadeiras favoritas, seus heróis e princesas queridos e a liberdade de ser e viver os prazeres do mundo do imaginário infantil.

(Parcianello; Felin, 2024) em seus estudos salientou a importância do brincar à criança hospitalizada e os muitos benefícios que este traz, e que pelo brincar a criança se expressa, se apresentado como sujeito e não somente como paciente que necessita de cuidado e tratamentos, assim como os desconfortos e angústias causados pela hospitalização são amenizados, favorecendo a adesão ao tratamento.

Ainda salientado a afirmação de Lindquist de que “considerar apenas o tratamento médico, deixando de lado o psiquismo, é retardar a cura” (1993). Ao final da experiência, o grupo de acadêmicos traz não só a contribuição da importância da compreensão de que o brincar é mais que um ato singular da infância, mas a própria vivência da infância em toda sua plenitude, mas também as percepções acerca dos efeitos psicológicos do tratamento oncológico e as formas como cada criança responde a ele.

Reforçando a importância do profissional de enfermagem está sempre se atualizado e qualificado, para oferecer não somente um tratamento tradicional, mas também faz uso de ferramentas metodológicas, colocado o uso das atividades lúdicas como importante ferramenta no tratamento oncológico para as crianças.

O trabalho foi extremamente enriquecedor para nossa formação como profissionais de enfermagem, pois nos possibilitou adquirir conhecimentos acerca do tratamento de pacientes

oncológicos pediátricos, como também a percepção dos mesmos sobre seu processo doença-tratamento. Durante as visitas, houve muitas reflexões a respeito de como nos mesmos lidamos com o processo saúde-doença-tratamento quando relacionado a criança, a forma como nos comportamos e vivenciarmos atitudes e escolhas acerca do tratamento, e de como muitas vezes focamos muito no processo tratamento-cura e acabamos esquecendo de o processo ser criança, que é tão importante quanto.

Nas pesquisas sobre hospitalização infantil o uso do brincar vem se tornando frequente visto à promoção do lúdico às crianças internadas, oferecendo habilidades para o desenvolvimento da criatividade, construção do conhecimento, além de proporciona condições de reflexão à equipe multiprofissional. Dessa forma, a hospitalização pode gerar prejuízos no desenvolvimento da criança, contudo, esses prejuízos podem ser amenizados pelo fornecimento de condições como o fornecimento de atividades lúdicas (PARCIANELLO; FELIN, 2024).

Para os acadêmicos, esse trabalho possibilitou o conhecimento de uma ferramenta para desenvolver uma relação de confiança com os pacientes pediátricos e fornece um ambiente neutro para ambos, além de nos possibilita reflexões acerca de nossas próprias convicções como profissionais, ressaltado a importância de sempre nos mantemos atento para o fato de estamos lidados com seres humanos emocionais e afetivos que precisa de mais do que somente cuidados físicos, como psicológicos e emocionais.

4 CONCLUSÃO

As rodas de conversa promoveram reflexões entre acadêmicos sobre o uso do brincar na saúde infantil, destacando seu potencial terapêutico e preventivo. A interação com as crianças enriqueceu a análise, integrando experiências pessoais, conhecimento científico e senso comum. A prática lúdica impacta a formação infantil e estimula novas abordagens profissionais, alinhadas à humanização do cuidado. A literatura enfatiza o papel do brincar na adaptação ao tratamento e na normalização do ambiente hospitalar, facilitando a compreensão da criança sobre sua condição. O lúdico, portanto, auxilia na comunicação com a equipe multidisciplinar e na integração da criança ao contexto hospitalar. A experiência evidenciou a necessidade de um atendimento de enfermagem holístico, que considere as dimensões física, psicológica e espiritual da criança, reforçando a importância da humanização na prática profissional.

REFERÊNCIAS

A.C.Camargo Cancer Center. (2023). Câncer Infantil. Disponível em: <https://accamargo.org.br/sobre-o-cancer/tipos-de-cancer/infantil>

BASTOS, M. de M.; OLIVEIRA, A. da S. R. de. O brincar da criança hospitalizada. Seven Editora, [S. l.], p. 282–290, 2023. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/editora/article/view/1166>. Acesso em: 22 mar. 2025.

CLAUS, M. I. S. et al. A inserção do brincar e brinquedo nas práticas de enfermagem pediátrica: pesquisa convergente assistencial. Escola Anna Nery, v. 25, n. 3, 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Postagens: O Brincar nos Hospitais Pediátricos. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-crianca/o-brincar-nos-hospitais-pediatricos/>.

Instituto Nacional de Câncer (INCA). (2023). Câncer infantojuvenil. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/infantojuvenil>

LINDQUIST, I. A criança no hospital: terapia pelo brinquedo. [s.l: s.n.].

PARCIANELLO, A. T; FELIN, R. B. E agora doutor, onde vou brincar? considerações sobre a hospitalização infantil. Barbarói, p. 147–166, 2024.

Silva, L.F; Cabral, I. E. Rescuing the pleasure of playing of child with cancer in a hospital setting. Rev Bras, Enferm.2015;68(3):337-42.DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680303i>

SOSSELA, R. C; SAGER, F. A criança e o brinquedo no contexto hospitalar. Revista da SBPH, v. 20, n. 1, p. 17–31, 2017.